



EVORA — A SÉ E O PAÇO EPISCOPAL.

EVORA é a cidade de Portugal mais rica em monumentos antigos. Nenhuma outra pôde attestar a sua remota origem e passada grandeza com tão soberbos padrões. Não são simples lapidas, ou humildes sarcophagos, o que ali recorda a dominação romana. É o templo de Diana com suas magnificas columnas, o aqueducto da Prata com seus innumeraveis arcos e elegantes torrinhas, os restos do palacio de Sertorio, que dizem ao estrangeiro que Évora foi uma importante cidade da Lusitania, onde floresceram as artes da culta Roma.

Mas ainda que não se ataviára com essas antigualhas romanas, sobravam-lhe para adorno e gloria os monumentos, que conserva, das epochas mais gloriosas da monarchia. Os restos do seu paço real; os seus gothicos palacios, pertencentes a muitas familias titulares, cujos nomes illustram as paginas da nossa historia; o grande edificio da sua antiga universidade, e, finalmente muitos templos magnificos, dão solemne testemunho da preeminencia, que desfructou como côrte, e do esplendor a que chegou como cidade.

D'entre os seus edificios religiosos a Sé é o primeiro na jerarchia, na idade, na vastidão e na magnificencia.

Conforme com o que se lê no *Livro velho dos anniversarios*, que existe no archivo capitular da mesma Sé, foi fundada esta cathedral pelo bispo D. Paio, que lançou a primeira pedra aos 21 de maio de 1224 (1). Reinando D. Diniz edificou o bispo D. Durando nova capella mór, por ter ficado a outra mui pequena. Em 1721, estando esta segunda fabrica bastante arruinada, o cabido, sede vacante, obtidas as competentes licenças, fundou nova capella mór com os rendimentos da mitra.

A frontaria da igreja é toda de pedra, ennegrecida pela pezada mão do tempo. A sua architectura massiga e despida de ornatos é a imagem fiel do viver austero e frugal, e dos costumes singelos dos nossos maiores n'essa remota epocha da nossa historia. Na porta principal é que a arte pôz mais algum esmero, guarneecendo-a de columnas, que terminam em

(1) O referido livro tratando de D. Paio, diz que se lhe faça em cada anno um aniversario em dia de S. Mangos, que é a 21 dias de maio, no qual dia elle poz a primeira pedra por fundamento d'esta Sé no sitio, onde está o altar de S. Mangos, e jaz detraz do dito sitio e altar na capella de S. João. Foi esta igreja fundada no anno de 1224 annos.

ogiva, e decorando-a com as estatuas dos doze apóstolos.

O interior do templo é magestoso pela vastidão das suas tres naves, e pelas proporções colossaes dos pilares que as dividem; mas a arte pouco mais liberal foi nos adornos. E não faz pequeno contraste esta singeleza e austeridade do corpo da igreja e cruzeiro com a elegancia e riqueza da capella mór. Aqui resplandecem por toda a parte os mais fiños marmores de Estremoz, e sobresáem as mais delicadas obras de esculptura. João Frederico Ludovice, o architecto do palacio de Mafra, que fez o risco para esta capella, não poupou esforços para a fazer verdadeiramente sumptuosa.

Tem esta igreja 193 palmos de comprimento, 89 de largura, e no cruzeiro 157. Sobre este eleva-se uma cupula, que exteriormente tem a fôrma de uma torre ponteguda. Conta este templo dezesseis capellas, entrando a principal.

O côro é digno de muito apreço pela excellente obra de talha relevada, que o guarnece. Contém 74 cadeiras, cujas espaldas mostram caçadas, armadilhas, corridas, passagens de rios, e outras vistas curiosas esculpidas com muito primor.

Junto do corpo da igreja para o lado do sul fica o claustro, edificado em tempos de el-rei D. Fernando pelo bispo D. Pedro, quarto de nome entre os prelados d'aquella Sé.

A cathedral de Evora está situada no coração da cidade em logar um tanto elevado. Junto d'ella fica o palacio dos arcebispos, cuja primeira fabrica se deve ao bispo D. Paio, de quem acima fallamos. Era então um pequeno mosteiro em que este e outros prelados viveram em communidade com os seus conegos. Passados tempos foram secularizados os conegos, e o mosteiro passou a servir de residencia unicamente aos bispos. Depois, como fossem augmentando em fasto e tratamento, ficou o edificio acanhado para o esplendor pontificio, o que obrigou a muitos prelados a procurar habitação em diversas partes da cidade. No reinado porém de D. João III, que elevou aquella mitra á dignidade archiepiscopal, D. João de Mello, seu segundo arcebispo, mandou proceder a uma reconstrução completa de palacio, e não só o augmentou, mas deu-lhe nova fôrma. Os arcebispos D. Theotónio de Bragança e D. José de Mello, sob o governo dos Filippes, fizeram ainda muitas alterações n'aquelle paço com que o accrescentaram e aformosearam bastante, sendo d'este ultimo prelado as armas, que se vêem sobre a entrada principal.

Contiguo ao palacio, com o qual se communica por um arco, está o edificio da livraria e museu, de que a nossa estampa ainda mostra parte. Este museu foi fundado pelo arcebispo D. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, prelado de muito saber e virtudes, que colligiu, estando em Roma e depois do seu regresso, uma collecção de antiguidades de muito apreço, e uma riquissima livraria. D'esta dispoz em vida de grande parte com doações, que fez á mitra de Beja, que deixou para empunhar o baculo archiepiscopal, e com valiosos presentes que mandou de manuscriptos e livros raros ás bibliothecas publica de Lisboa e do convento de Jesus. O museu foi muito expoliado por occasião da tomada de Evora pelo general Loison. Todavia ainda encerra muitos objectos de antiguidade de interesse historico e artistico.

I. DE VILHENA BARBOZA.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

VII.

Reguengos da Vide e do Cavallo até ao tempo presente.

Viu-se atraz como, e com que condições el-rei D. Diniz fez aforar o reguengo da Vide a quarenta povoadores. O tempo foi introduzindo algumas alterações e relaxações n'este primitivo contrato, até que el-rei D. Manuel, no foral dado á villa em 1511, declarou e estipulou as obrigações, a que ficavam sujeitas as treze herdades, que então formavam o mesmo reguengo. Passados poucos annos, em 14 de março de 1526, estando em Arrayolos o duque de Bragança D. Jayme, como senhor da terra e do reguengo, celebrou novo contrato com os povoadores do mesmo.

Na fôrma destes foraes e contratos as obrigações reciprocas dos lavradores do reguengo, e da casa de Bragança, senhoria d'elle, são as seguintes :

Obrigações dos lavradores.

1.^a Trazer directamente afolhadas em quatro folhas cada uma das herdades do reguengo, que formam ao todo vinte e meio arados.

2.^a Pagar os quartos de todos os fructos, que no reguengo se colherem, postos no celleiro do dito reguengo, e recebidos pela medida d'elle.

3.^a Pagar por estimação os quartos das tapadas, e valladas, e mais terras, que se não semear, e caírem na folha, que se semear em cada anno; exceptuando-se porém dos ditos quartos as terras da pastagem para seus gados e bestas, a fructa, legumes e hortaliças, que tirarem para seu sustento.

4.^a Pagar por cada um dos arados, em que são lotadas as herdades, uma pensão, ou direito, a que chamam *Amada*, que é seis alqueires de trigo e seis alqueires de cevada; a qual se tira antes de se quarterar e dizimar.

5.^a Pagar a pensão ou direito, a que chamam *Medida dizimada*, que é dous alqueires de cada monte de trigo, tremez, centeio, cevada, ou milho, que se achar na eira ao tempo de tombar de cada uma das herdades.

6.^a Pagar por cada arado a pensão ou direito, a que chamam *Fogaça*, que é quatro alqueires de trigo livre de dizimo.

7.^a Pagar a pensão ou direito, a que chamam *Ceias*, que é dous alqueires de cevada, ou um de trigo, qual o lavrador escolher, por cada meio de trigo, tremez, centeio, cevada, ou milho, que pertencer á fazenda do almoxarifado da casa de Bragança, e se recolher no celleiro do reguengo.

8.^a Pagar por cada arado a pensão ou direito de dous capões, ou 200 réis por cada um, e duas duzias de ovos, ou 36 réis por cada uma.

9.^a Por uso e costume longamente usado sem memoria em contrario são obrigados os lavradores quando ha obras nas herdades a chegarem os materiaes, e dar de comer aos officiaes, em quanto durarem as ditas obras.

10.^a Na fôrma do contrato de 1526 pagam os lavradores por cada arado moio e meio de trigo, e meio moio de cevada, de *Alças*, ou quinhões a varios proprietarios.

Obrigações da casa de Bragança.

1.^a Pagar o dizimo de todos os quartos do pão, e fructos que entram no seu celleiro.

2.^a Pagar o dizimo da *Amada* e da *Medida diminada*.

3.^a Pagar aos lavradores o custo das ceifas de todo o pão dos quartos, que entra no dito celleiro.

4.^a Pagar aos acarretadores por cada moio de pão, que entra no celleiro, dous alqueires de cevada, ou um de trigo; os quaes costumam receber os lavradores por fazerem á sua custa a acarreação do pão.

5.^a Por uso e costume longamente praticado sem memoria em contrario, pagar os concertos das herdades, em que a casa tem quinhão, ou renda, na parte respectiva a esta, na fórma dos mais quinhoeiros.

6.^a Segundo o contrato de 1526 não pódem os lavradores ser expulsos, e a colonia das herdades passa de direito a seus herdeiros, etc.

Varias pensões das nomeadas atraz acham-se abolidas pela legislação moderna.

Todo este reguengo é situado na freguezia de S. Pedro da Gafanhoeira, e está hoje repartido em quinze herdades, a saber: Corticeira, Romeira, Outeiro do Reguengo, Cangalhas, Carvalheiro, Fazendas, Luzes, Delgados, Carias, Oliveiras do Reguengo, Hortas, Goulões, Celleiro do Reguengo, Saragacinho, Saragaço; na herdade do Celleiro está edificada a ermida de Nossa Senhora das Necessidades.

O reguengo chamado do Cavallo é composto de fazendas em varias situações, aforadas por fóro certo, ou arrendadas com rendas fixas, que é costume antiquissimo não alterar. Não ha sobre este reguengo contrato algum especial, mas as obrigações reciprocas do senhorio e colonos, regulam-se pela legislação geral.

Além dos dous reguengos possuia tambem a casa de Bragança, como donataria da terra, em virtude do foral, as rendas da portagem do *Invento*, das coimas do reguengo, da chancellaria, e a pensão de 18230 réis, paga annualmente por cada tabellião da villa; as quaes rendas estão abolidas pela moderna legislação.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XVII.

Ainda ha dôr maior.

ESTIVERAM calados alguns instantes. D. Affonso proseguiu no tom de quem narra uma historia alheia:

— «A minha ruina veio do amor. Adorava a irmã de Maria Paes, um anjo que Deus quiz que nascesse entre demonios. Amei-a do amor que se sente só uma vez na vida... tu que morres delle bem sabes o amor que é!»

— «Trahiram-vos!»

— «Não. Se no peito da mulher ha mais ternura, ella amava mais do que eu ainda. No fim d'um anno estavamos no primeiro dia...»

— «E perdeste-a?»

— «Perdi!»

— «E vivestes; pudestes viver?»

— «Quem a havia de vingar morto eu, mancebo?... Sobrevivi pois ao coração, com que a amava. Tive animo. Gomes Lourenço, se pudesses adivinhar o enlevo, a dogura, em que me encantou aquelle anjo; a prizão que era o brando colar daquelles braços; o doce philtro que tinham as rozas daquelles labios!... Cavalleiro, não me lembrou mais a gloria; christão, se me pedisse negava por ella o meu sangue e o meu Deus. Estive no céu um anno... Senhor!» accrescentou convulso e pondo as mãos «cinco deste purgatorio serão pouco para expiar a ventura d'outro tempo?...»

— «Que horror hade ser acordar de um sonho d'esses!»

— «De tudo se acorda, Gomes Lourenço, até da ventura,» redarguiu D. Affonso com tristeza. «Mas que dôr, que dôr aquella! Ouve. A fortuna tirou-me a memoria. Esqueci-me de que entre o nosso amor estavam os Viegas e os Ribeiras; mas elles não se esqueciam. Em quanto eu dormia velava o odio á minha cabeceira.»

— «E colheu-vos?...»

— «A traição como a ti. Deitaram-me correntes aos pés; chamaram depois os verdugos, e duas vezes senti arder o ferro nos olhos e cravar-se o ferrete na carne. Quando me soltaram achei-me cego. E ella, a vêr tudo, a padecer mais do que eu! A desgraçada morria a cada suspiro meu. O sangue que me espirrou das varas, caiu-lhe todo dentro do coração... Gomes Lourenço, não sabes? O irmão de teu pae, o filho dos Viegas de Salzedas, foi agoutado como agoutam a um escravo que fugiu!»

A voz a pouco e pouco ia-se-lhe sumindo. Cada palavra parecia que vinha envolta n'um véu de lagrimas, e cada som, apesar de surdo, era constante como um gemido. Aquelle homem tão robusto d'espirito, que infortunios tamanhos não venceram, não tocava nas chagas do orgulho ou do amor sem lhe saltar o sangue mal vedado.

— «Quando acabaram os tratos caí nos braços de Branca,» proseguiu D. Pedro Affonso. «No carcere do solar de Lanhoso ella é que me consolava; e eu cego, nem sequer podia vêr como aquella flôr murchava a cada hora! O ar, o sol, e a luz talvez a salvassem... não salvavam! se ella morria do coração!... Por viver comigo respirou as trévas humidas do meu sepulchro. Por fim a desgraçada já não tinha força, já não podia com a cruz. Levaram-na. Passou um dia, dois, outro; eu a esperar, e ella sem voltar. No quinto foram-me buscar á masmorra. O sitio para onde me levaram não o conhecia. Era ao ar livre, pizava a relva do campo, e sentia no rosto a frescura da manhã. Apalpei; a terra estava revolvida. Depois ouvi dobrar os sinos, e rezar o officio dos mortos. Cada vez sentia mais perto as orações. Os padres avisinhavam-se; e uma voz tremula exclamou: «Rezae por D. Branca de Lanhoso, por alma d'uma santa.» Só então soube que estava á borda da sepultura de minha esposa. Dei um grito, e caí no chão.

— «Meu Deus, que golpe!» atalhou o mancebo.

— «Quando tornei a mim estavam pregando o ataúde. Senti bater sobre o coração uma por uma as pedras que lhe rolavam em cima; esfriou-me o gello da terra, que tapava a bôca e os olhos aonde tanto amor viveu! — Gomes Lourenço, se naquella hora, para a resuscitar, me dissessem «perdôa!» eu, um Viegas, escravo e cego, teria perdoado. Vê se a amava!»

— «Que almas!»

— «Devia ter morrido então se a dôr matasse.»

continuou D. Affonso suffocado. «Cavalleiro, tinham feito de mim o truhão do vulgacho. Rico-homem, puzeram-me abaixo dos escravos, e lançaram-me fóra de casa para mendigar o pão da esmolla.»

— «Mas ao menos fostes amado!» atalhou Gomes Lourenço com entranhavel inveja.

— «Mancebo, quando o amor encheu a vida, vê-lo na sepultura, e sentil-o queimar no coração é o peor martyrio. Oh se um Viegas pudesse chorar! . . . Gomes Lourenço, o cavalleiro de Salzedas acabou quando disseram que elle morreu; mas ha uma cousa que não acaba, que não se mata . . .»

— «O amor, eterno como Deus?»

— «Não! O odio acceso nas cinzas do amor!»

— «Se vivirá além do tumulo?» retrucou o alferes olhando para a sepultura de seu pae.

— «Na terra, no céu, ou no inferno hade viver. O que te disse ainda ninguem o ouviu. O vaso de fêl abriu-se sobre a tua cova pela primeira vez. Lembre-te que foi um vivo que fallou a um morto.»

— «Descançae. Não tenho vida nem para me recordar do que disestes,» respondeu Gomes Lourenço tristemente.

— «Os covardes,» proseguiu o cego, abaixando a voz de modo que os sons não passavam do ouvido de Gomes Lourenço, «os vis cuidaram que roubando-me a luz dos olhos, e cravando o ferrete na testa do rico-homem, ficavam seguros. Como se isto pudesse esquecer, e com a espada e a luz me tivessem tambem arrancado o coração! . . . O sol ergue-se nos céus, e não sei que é dia; as arvores, os rios, as ameias do meu solar sumiram-se para sempre nas trévas em que vivo . . . guerra, amor, nobreza e gloria, perdi tudo n'um instante; e os loucos acreditam que não tenho alma, nem memoria; que heide acabar na primeira quebrada de uma serra, sem lhes fazer beber o veneno que me deram?!»

— «E podeis pagar-lhe a dôr pela dôr, a infamia com a infamia? . . .»

— «Posso,» respondeu elle levantando a fronte com orgulho, «elles esqueceram que a alma de um Viegas para se vingar até quebra a lagea do sepulchro! . . . Os homens diziam: «Não sabeis? D. Affonso o Lidador fez-se monge, e morreu na Terra Santa! . . .» e eu ria-me e seguia o rasto dos algozes como o lobo segue a presa. Quantas vezes de noite, encostado ao roble, senti passar o halito abraçado da tormenta, e a saudei como a irmã. O que é a minha alma senão uma tempestade? Quantas não fâscoo o raio pelo tronco abaixo, e respirando o fogo do céu o achei mais suave, do que o fogo que me queima por dentro! . . . Quatro annos de paciencia e de martyrio gastei em cavar debaixo dos alicerces d'este solar a sepultura de todos. Eu só! Estive ao pé delles e não me conheceram; julgavam-me morto; e depois, se nem o filho de meu irmão se lembrava de que estas feições eram minhas, como podiam cuidal-o elles! Abriram-me as portas, sentaram-me á sua meza, receberam-me debaixo do seu tecto . . . Gomes Lourenço, esta noite é a ultima; amanhã principia o inferno, em que os mortos serão os mais felizes.»

— «Abençoado sejaes meu Deus!» — bradou o moço cavalleiro, ajoelhando com fervor. «Abençoada a mão que me alimpa as lagrimas á borda da sepultura. Já não sinto a morte. Que soem sobre a minha campa os gemidos; que a regue o sangue delles; e não me queixo.»

— «Es verdadeiro filho de teu pae,» respondeu o romeiro. «Donde estava escutei as consolações do monge, que vinha prégar-te resignação e humildade. Os Viegas não se consolam senão com a vingança.

Não perdoam, nem se humilham. Vingam-se com Deus, e apesar de Deus!»

Sentiram ruido de passos. D. Affonso apertou um momento o alferes nos braços. Depois, beijando-o na fronte, e estendendo a mão sobre elle, exclamou:

— «Em nome de Christo, eu, o irmão de teu pae, o mais velho da familia, e martyr como tu, lanço-te a benção de Deus. Possa o teu sangue pezar na balança do juiz, e a tua voz ser ouvida no tribunal da sua justiça!»

— «Até nos vêrmos na eternidade!»

— «Até ao dia de Juizo!»

E com os mesmos passos tremulos com que entrara, o cego apalpou nas tapessarias um sitio conhecido, e saiu pela porta que ellas disfarçavam.

Gomes Lourenço ergueu então a cabeça, e disse com fervor:

— «Agora venha a morte . . . não a sinto.»

(Continúa.)



MEDALHA DE OURO GAULEZA.

Esta medalha, que está muito bem conservada, encontrou-se em Vermand de França, ne alicerce de um antigo *castrum* romano. Tem 0^m, 015 de diametro, e peza 6 grammos e 10 centigr.

Representa do anverso um cavallo galopando sobre a esquerda, com as clinas levantadas, o pescoço bifurcado, e a cauda tripartida; entre as pernas vê-se um escudo quasi frusto; têm a legenda *LYCOTIO*.

No reverso, tem a legenda: *LYCOTIO*; por baixo um escudo terminando em ponta, e á direita tres bandas verticaes, que representam tranças e collares, que já em parte se não vêem bem de gastos que estão.

O sabio e modesto Lelewel publicou uma medalha quasi semelhante nos seus *Estudos numismaticos* (est. IV, fig. 21). Deve considerar-se gauleza, por todos os caracteres dos symbolos que n'ella são representados, e pertencente aos povos da segunda Belgica ou *Ferromandui*, pela figura do cavallo, e modo por que foi representado. A inscripção *LYCOTIO* é o nome de um chefe gaulez.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

II.

Do 7.^o ao 8.^o seculo datam o poema geographico e o mappa-mundi, de que vamos fallar.

N'um volume manuscrito (n.^o 5091 dos latinos) da bibliotheca nacional de Paris, em seguida á historia ecclesiastica de Anastacio, e a outros fragmentos, com o titulo *Versus de provinciis partium mundi*; ha um poema geographico latino, anonymo, composto por fins do 7.^o ou principios do 8.^o seculo, começando pela descripção da Asia com o enunciado *Versus de Asia et universi mundi rota. De globo*

mundi et conjectura orbis versus; descripção extremamente imperfeita e barbara, que está em harmonia com as doutrinas cosmographicas do tempo, sem nada lhes acrescentar. Do Atlantico e suas ilhas não mostra ter noção. Apenas fallá de Inglaterra e Irlanda.

No mappa-mundi em folio quadrado de pergaminho, accusando ser do 7.^o ao 8.^o seculo, assim como o manuscripto intitulado *Miscellanea* de que faz parte, na bibliotheca d'Alby, a representação graphica da terra não é nem mais completa, nem mais correcta do que n'outros monumentos d'aquella, ou da anterior idade. No oceano, que rodeia toda a terra, não se vê uma unica ilha; nem a Inglaterra foi ali marcada.

Ao 9.^o seculo pertencem o geographo anonymo de Ravenna e Raban Maur.

O geographo de Ravenna, compondo a sua obra sobre testemunhos de muitos auctores gregos, latinos, persas, godos e africanos, mostra que nem elle mesmo, nem os que cita tinham noções mais precisas da navegação do Atlantico, e existencia de suas ilhas, e por consequencia que lhes eram desconhecidas as terras occidentaes, que foram objecto dos descobrimentos dos portuguezes no 15.^o seculo. Da Africa occidental não conhecia senão Mauritania, partindo da qual pelo oceano dentro diz, que se encontram tres ilhas. Mythologicas ou reaes? Tudo nos parece estar chamando para a primeira suspeita; que a nenhuma precisão da noticia e a propria variante do numero, nos estão a dizer, que o geographo não encarnou n'isto uma idéa real. Por aqui fica o que sabia de ilhas oceanicas; tudo o mais do interior do Atlantico lhe era desconhecido.

Raban Maur, de Moguncia, foi um dos homens mais sabios do seu tempo, a quem a abbadia de Fulde deveu a justa reputação que por muito tempo conservou de mais celebre escola de Allemanha. Mas a despeito de seu vasto saber, e de suas relações litterarias com os homens mais versados na cosmographia, não estava Raban mais adiantado que seus contemporaneos, ou antepassados, como o manifesta no tratado que escreveu *De Universo*. Das ilhas do Atlantico sobre as costas occidentaes não sabe mais que os mythologos gregos, e geographos da antiguidade, que adoptaram as fabulas sonhadas pela imaginação dos hellenos. Falla nas Afortunadas, nas Gorgones, nas Hesperides que distam do continente dous dias de navegação, e que diz ficam nos limites da Mauritania; falla n'uma terra trans-oceanica (versão sem duvida da idéa que anteriormente se formava do apartado *Paraiso terreal*), que diz ser desconhecido por causa dos calores do sol; e no meio de tantas incertezas, no meio de supposições de origem visivelmente phantastica, o seu silencio a respeito do alto mar Atlantico, e das ilhas que n'elle estão mais afastadas das costas occidentaes do velho mundo, é denuncia da sua ignorancia a tal respeito, e de todos os sabios anteriores e contemporaneos.

No 10.^o seculo temos o testemunho do armenio Moysés de Khoren, do arabe Massúdí, e de tres mappa-mundi.

Moysés de Khoren, em Roma, Athenas e Constantinopla, estudou a lingua e sciencia dos gregos. Atribuem-lhe um tratado de geographia, composto cêrca do anno 950. Pouco mostra saber das extremas terras continentaes, e dos grandes mares exteriores e suas ilhas. Menciona duas grandes ilhas britannicas, e mais Thulé, metade da qual considera pertencer á terra desconhecida septentrional. Das ilhas do mar Atlantico falla com grande incerteza. «Tres ilhas (diz) chamadas Afortunadas estão em

frente da Libya. Da banda do occidente se encontram seis outras, e do lado do norte mais quatro, que estão em frente da Mauritania e do estreito que chamam de Sebdé (*Ceuta*).» Estas proprias palavras mostram quão vagas noticias havia n'aquelle tempo a respeito dos mares e terras occidentaes, tanto mais quanto o mesmo escriptor armenio, duvidando da theoria homerica do oceano circumdante, acrescenta: «Quanto a dizer se o mar cerca a terra desconhecida, ou é por ella cercado, calamo-nos á falta de saber sufficiente para o julgar.» Isto e a sua theoria de zonas improductivas e inhabitaveis, parece indicar que Moysés de Khoren cria que o oceano occidental não levava a terras povoadas.

Massúdí do meiado do seculo 10.^o, quando entre os seus tanto eram as sciencias cultivadas, é o primeiro escriptor arabe que fallá de ilhas oceanicas. Menciona seis floridas ilhas occidentaes, a que chama *Eternas*, comprehendendo entre ellas e a extremidade oriental da China toda a terra util. A noção porém d'estas ilhas que rasteja pela das Afortunadas, é bebida nos livros da antiguidade. Massúdí, que representa, não só os conhecimentos historicos e geographicos, mas grande parte da sciencia do seu tempo, nada adianta de positivo sobre o oceano e suas ilhas, porque allude ás Columnas de Hercules como termo occidental das navegações possiveis, e crê ser «impraticavel navegar do Mediterraneo para este mar (oceano), porque nenhum navio navega n'elle; porque não ha n'elle terras cultivadas nem entes humanos; porque o mar não tem limites nem na profundidade, nem na extensão, e seu fim é desconhecido. E o mar da escuridade, chamado tambem mar verde, ou mar circumdante.» E ainda que Massúdí fallá de algumas historias vãs sobre navegações atlanticas, isso a que elle mesmo chama intencional ou occasionalmente *maravilha*, está em contradicção com o que primeiro diz da impossibilidade de tal navegação. Massúdí, que não sabe onde o Mediterraneo começa senão pela auctoridade de Ptolomeu, que não tem conhecimentos positivos sobre o Estreito, que julga o Atlantico innavegavel, e as terras d'elle incultivaveis e impovoaveis de homens, mostra que no seu tempo não havia a respeito de ilhas oceanicas sobre as costas occidentaes da Iberia e Africa a menor noção real, e que da tradição antiga e mythologica de ilhas Afortunadas trouxera as suas seis *unicas* ilhas, a que em virtude do mesmo mytho chama Perennes, Eternas (*Khaledat*). É pois evidente, que n'aquelle tempo, e n'este ponto, não tinham os arabes mais conhecimento que Ptolomeu.

N'um precioso manuscripto de Macrobio se encontra um mappa-mundi do 10.^o seculo de fórma circular, e com a terra cercada pelo rio *oceanus* de Homero. Continúa n'elle a mesma ignorancia além das costas occidentaes do mundo antigo. Apenas em frente do estreito Gaditano (*Gibraltar*), mas já no oceano, se lhe nota uma grande ilha redonda, pela qual o cosmographo parece ter querido representar a Atlantida de Platão.

Um mappa-mundi d'este seculo, achado n'um manuscripto da bibliotheca real de Turim do seculo 12.^o, traz algumas ilhas no mar do norte, mas no oceano occidental *Scotia insula* é a primeira, que se encontra ao norte das Columnas.

Um mappa-mundi dos fins d'este seculo, ou quando muito dos principios do seguinte, existe n'um manuscripto de Prisciano, da bibliotheca Cottoniana do museu britanico. É desenhado sobre pergaminho fino, e mui bem executado para a epocha. Mas tudo n'elle está deslocado; até as ilhas britannicas, que parecem ser patria do auctor, estão indicadas a

oeste da Islandia! Continúa com o mytho grego das Columnas de Hercules, desenhadas á entrada do estreito de Gibraltar. No oceano não faz menção de novas ilhas, antes continúa nas fabulas, ou incertezas dos tempos passados. Perto das Columnas põe uma pequena ilha sem nome, que por sua posição parece ser a ilha de Gades (*Cadis*) dos antigos. Traz, como já dissemos, as ilhas britannicas: uma grande, provavelmente Thile; Orcades em numero de vinte duas; e perto da costa occidental de Africa duas outras sem nome, que por sua posição puderam bem ser Atlantides, ou Hesperides dos antigos, *Junonia-parva* (hoje Langarote), e *Aprositos* (hoje Forte-ventura).

Fallaremos de quatro mappa-mundi do 11.º seculo.

Cêrca do anno 1064 foi composto em Dijon um mappa-mundi, que se conserva no manuscrito n.º 269 da bibliotheca da cidade, para onde passou da abbadia de S. Benigno. Das ilhas do oceano Atlantica só menciona Inglaterra, Irlanda, e mais ao norte a famosa Thile. É a unica revelação que o cosmographo faz dos seus conhecimentos fóra das costas occidentaes da terra firme.

Outro mappa-mundi deste seculo, feito por Asaph, e junto a um seu tratado de cosmographia, se conserva na bibliotheca nacional de París. N'elle toda a terra está cercada pelo oceano homérico, sob o nome de *Mar Oceanum*, ali repetido cinco vezes em todo o circulo; mas não traz notada no Atlantico uma só ilha.

Mappa-mundi da bibliotheca Cottoniana do museu britânico. Só traz uma ilha grande e sem nome no Atlantico, ao norte das Columnas, e essa mesma proxima ás costas occidentaes da *Ispania*. Não terá esta a mesma origem, que a do planispherio do seculo antecedente, do manuscrito de Macrobio?

N'um manuscrito da bibliotheca de Leipsik ha um planispherio, que a este seculo se attribue. Ao sul de Gades não aponta nenhuma ilha, e ao norte sómente *Anglia*, *Scotia* e *Orcades*.

Do 12.º seculo citaremos Honorio de Autun, Hugo de S. Victor, o arabe Edrisi, e dous mappa-mundi. É um seculo que nada acrescenta aos anteriores em conhecimentos cosmologicos e geographicos.

Honorio de Autun escreve um tratado com o titulo de *Imago-Mundi*. Das ilhas do Atlantico só menciona Inglaterra, Escocia, Irlanda, Orcades, em numero de trinta e tres, e Thile "*cujus arbores folia nunquam deponunt et in qua VI mensibus ride licet festivis est continuus dies, VI hibernis mensibus continua nox.*" Da voga d'estes e de outros semelhantes tratados d'aquelles tempos, em que se perpetuam os erros e fabulas dos antigos, é que veio tenderem as cartas que d'elles provinham, a memorar ilhas phantasticas, sem mesmo esquecer a Atlantida, transformada e revestida com o novo nome de Antillia, que inda apparece nos portolanos, e cartas dos fins do seculo 15.º

Hugo de S. Victor, no seu tratado *De situ terrarum*, só traz no Atlantico, como suppostas proximas das costas occidentaes, as ilhas Afortunadas, Hesperides e Górgodes.

Edrisi, geographo arabe do meiado d'este seculo 12, diz do Atlantico, que "ninguém sabe o que existe além d'este mar: ninguém pode colher nenhuma noticia certa acerca d'elle, pelas difficuldades que oppõe a navegação a profundidade das trévas, a altura das ondas, a frequencia das tempestades, a multiplicidade de animaes monstruosos, e a violencia dos ventos." E acrescenta: "Nenhum piloto o navegará, em qualquer direcção que seja, e

unicamente costeará as suas praias, sem se afastar d'ellas." "As aguas d'este mar (continúa Edrisi, fallando do oceano) são espessas e de côr escura; as vagas elevam-se por um modo espantoso; a sua profundidade é consideravel; n'elle reina escuridão continua; a navegação é difficil; os ventos impetuosos e da banda do occidente; os seus limites são desconhecidos. Existe n'este mar quantidade de ilhas deshabitadas. Poucos navegantes ousam aventurar-se n'elle, e os que o fazem, ainda que sejam dotados dos conhecimentos e audacia necessarios, só navegam terra a terra, sem se afastar da costa. . ."

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

IV.

QUANDO a vista fita no retracto de Bocage se demora a contemplar-lhe a physionomia peninsular, em que as feições estão vigorosamente accusadas; quando se repara na espaçosa testa, em que a luz do estro parece circular ainda, e se contemplam os olhos azues e rasgados, que deviam scintillar tanto, em descendo a inspiração, não se nos revela o character do poeta e toda a indole do seu engenho, unicamente pelo exame da reflexão? Vendo-o, não nos diz a consciencia, que os planos pacientes da cubiga, ou da ambição, mal entreteriam instantes a alma, que vive assim inquieta e dolorosa como a pinta a expressão do rosto? Não percebemos pela pallida tristeza das faces que o homem foi pouco ditoso, e que o vate, estremecendo mais as sensações do orgulho e dos triumphos, do que as honras e a opulencia, pagou o tributo, que em todos os tempos torna cruel ao genio a mesma gloria, embora creia na admiração da posteridade?

Herdeiro dos infortunios da sua raça (porque os cantores, que se aproximam da estatura dos semideuses da harmonia, são da mesma familia intellectual) a vida fugiu-lhe na virilidade do talento, consumida interiormente pelas vigalias das paixões, gasta no corpo e nos sentidos pelos abusos e excessos, a que o arrastaram a sêde de aventuras, e os impetos da selvagem independencia; a eterna inquietação do animo o desviou da serenidade, em que podia restaurar a organização debilitada; e em que, vigosas com as consolações moraes, veria rebentar de novo as flôres com fructo, primores do espirito na sua madureza, e da imaginação nas mais bellas creações a que ascende. Para evitar o castigo de Icaro, não infamando de naufragios semelhantes as rissonhas margens do imperio da phantasia, (denomina-as assim um poeta estrangeiro) é necessario que a inspiração saiba conter-se; e que antes de abrir o vôo compare as forças com a distancia a percorrer!

A natureza não favoreceu Bocage com a gentileza pessoal, que em outros poetas realçou a reputação litteraria. Faltava-lhe o perfil aristocratico de Byron, e a physionomia delicada de Lamartine na mocidade. N'elle as fórmulas e as paixões eram as do povo, que amava, e que o entendeu apesar de seguir no canto a tradição classica. Descrevendo-se em mo-

mentos de veia epigrammatica, o cantor de Leandro e Hero, embora seja forçado o riso, cede com jovialidade a outros mais felizes as graças de Narciso. Magro e trigueiro, de estatura mediana e curva, parecia que o corpo pezava de mais sobre as estremidades; mas a despeito da constituição debil e rachytica offerecia, entretanto, o que quer que era de distincto, que não o deixava confundir. Os cabellos compridos pendiam em desalinho, e o movimento machinal dos dedos a miudo lhes augmentava a desordem. O sorriso acudia pouco a animar-lhe as faces macilentas. Melancolico até no meio das scenas de maior alegria, a tristeza continuava estampada no rosto, em quanto o delirio tripudiava em torrentes de versos maliciosos e picantes.

Mas a audacia da intelligencia, e o ardor da imaginação faiscavam na pupilla, dando ao feio semblante aquelle ar de juventude e de belleza, que seduz tanto ou mais do que a formosura apathica. Quando se arrebatava no enthusiasmo e no sentimento exaltado de poeta a mesma irregularidade tinha agrado, e era uma especie de attractivo. Esta dissonancia característica, em que o bello espirital passa pelas feições e as transforma, é o condão de poucos entes, e em Elmano tornava-se admiravel apenas o calor da composição subindo á mente annunciava o Deus, por elle chamado Estro. Que poder e encanto tinham então os olhos em que fallava a alma! Que elegancia viril assumiam de subito todos os movimentos, subjugando a natureza! Que fascinação electrica emanava da fronte radiosa, e da face bella á força de energia e de expressão!

Assim transfigurado pelo furor divino, quantos corações vulgares venceu, obrigando as vaidades femininas a perdoarem a falta dos dotes em que mais se enlevam! Assim é que suspirou e foi ouvido de orgulhosas isenções, em que outros julgariam arrôjo pôr sómente os olhos, quanto mais a esperança! Nos braços de admiradores sinceros, proclamado nos auditorios como o primeiro dos cantores, Bocage ousou tudo nos seus affectos voluveis, e foi mais feliz do que merecia. Incapaz de sentimentos constantes, devorado de ciumes injustos, exigente e despota por altivez e por desconfiança, de cada paixão ephemera fazia um ideal logo offuscado; e de cada dia de delirio um martyrio para o objecto da sua chamma, e depois para si. O capricho, a sensualidade, e o amor proprio (e ignoramos se rara vez, junto da primeira juventude, algum extremo verdadeiro e profundo!) lançaram-no aos pés das mil deidades, Mari-lhas, Natércias e Ulinas, celebradas nos seus versos, abrazando-se hoje em repentinos desejos, sepultando surdo e ingrato amanhã na devassidão até a memoria do que mais tinha adorado! Sem obedecer ao calculo profundamente egoista de Goëthe, sem absorver com olympica indifferença como elle o affecto puro e vestido de innocencia, recebendo o sacrificio e não o compensando, amava como vivia, refugiava-se da ternura de uma nos sorrisos de outra; e vagueando de flôr em flôr, banhado de lagrimas a mão de tantas santas, e beijou com os suspiros os altares de tantas formosuras, que é duvidoso se foram os sentidos que o enganaram, ou se os enganados foram os sentidos!

Quem o ouvisse exhalar em gemidos melodiosos os zélos da ausencia ou os cuidados do rigor, julgaria escutar o Petrarcha diante da visão de Laura, ou o severo Dante, escondendo da palpebra envergonhada as gôtas amargosas d'aquelle pranto, sangue da sua alma, d'onde creou a figura luminosa de Beatriz. Todavia em Bocage como o astro declina depressa ao occaso! Como a sede é facil de aplacar!

Como os nomes e os idolos variam quasi a cada hora! Seriam as damas d'estes enleios casuaes tão promptas em esquecer e tão levianas no sentir como o poeta? Borboletas fascinadas corriam só atraz do esplendor, salvando-se da saudade e do remorso, que resta da ternura na viuvez, se a alma se uniu com a alma?

Uma tradição, com visos de provavel, assegura-nos entretanto a fidelidade de Elmano nos derradeiros tempos á dedicção de uma senhora, que soube captivar o rei da harmonia com os grilhões de flôres, que o Tasso presta a uma das suas divas. Irmã de um amigo intimo, formosa da belleza, que attrahe os sentidos, e das graças do espirito que enlevam a intelligencia; capaz de entender a existencia attribulada, que vinha domar-se aos seus pés; e de fazer passar do seu coração para ella as consolações e as esperanças, que derrama a religião sem fanatismo, e que dá a ternura sem fraqueza, parece que por fim conseguiu converter a inconstancia do poeta em adoração perseverante, a ponto de, mudada a indole, cifrar todos os desejos no empenho de uma posição, que lhe permittisse socegar das tempestades e desvarios, (que o mataram) nos carinhos do virtuoso amor de uma esposa, feita para o tornar feliz, e digna de illustrar o nome com a gloria do cantor.

Nos ultimos e cortados dias da agonia, presentindo já a morte na tristeza, achamol-o no leito de dôr revendo a imagem querida em saudosos colloquios de poeta. Mais de uma allusão dos vates seus confidentes; mais de um suspiro ainda quente das lagrimas, que chorou, nos indicam, que até fechar os olhos, amou e foi amado. São claros para firmar esta conjectura os lindos versos da collecção « Dos Novos Improvisos durante a sua molestia. » Quem assim geme abjurou o culto das falsas divindades. É a paixão; é o seu grito doloroso! Tanta magoa na separação; aquella melancolia, que tão pesarosa olha para a vida despedindo-se; o extremo delicado, que disfarça penas proprias para não exacerbar alheias, são melindres e sacrificios, que o puro ideal ignora. As Mari-lhas e Natércias da mocidade estão longe d'esta adoração espirital, d'este adeus de immenso affecto á existencia e ao amor. O nome invocado não o profanou como aos outros. Morrenão com elle no coração e sobre os labios, occultou-o aos homens até entregar a Deus o final alento:

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céu me priva,
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva,
Lei (sendo etherea!) ao coração penosa.

Vendo sumir-me por morada umbrosa,
Ah, não desmaies, a constancia aviva;
E por artes de amor, de amor oh diva,
Do não gosado amante os manes gosa.

Mais dôce orvalho de teus olhos desça
Á (linda como tu) melhor das flôres,
Que em torno á campa se abotoe e cresça:

Passeia entre os meninos voadores,
Une a mãe aos filhinhos, e pareça
Da morte a solidão jardim de amores.

N'este soneto, (em que se faz sensível n'um ou n'outro verso certa frouxidão) como circula ainda o ardor do estro, e a paixão respira quanto ha de fino e de estremoso no affecto! Como os dous quartetos, (o segundo sobre tudo) pintam a melancolia reflexiva do amor-saudade, que se alimenta da memo-

ria, e vive só da alma, puro da macula dos sentidos! Exhala-se d'esta elegia tão breve e tão suave a tristeza christã e resignada, que soffre a dôr, e procura contel-a n'um adeus choroso. Depois de deixar cair ardentes lagrimas sobre os sorrisos da esperança, que as sombras crescendo lhe apagam na escuridão do tumulo, lança este verso maguifico na phrase e na idéa, exclamando: «Do não gosado amante, os manes gosa!»

Como lhe saíu dôce e profundo o grito do amor para exprimir a derradeira vista, que se lança á viuvez, a que ficam por consolação extrema as recordações da ternura! Regadas pelos prantos, as flôres devem abotoar-se em redor da lousa; a solidão eterna do jazigo converte-se em jardim de amores; a vida continúa pela paixão e pela memoria, e a sepultura não a extingue; eis os toques e as bellezas que a arte não sabe, e que sente e diz só aquelle que amou verdadeiramente. Bocage, adorando profanas e distrahidas formosuras, e celebrando os tormentos do ciúme, e os incendios dos desejos, não tinha achado antes na lyra estas notas raras, que fazem vibrar no fundo da alma, quanto ella encerra de compassivo e meigo; que lhe lembram na pena e no seu luto do poeta as penas proprias, e aquelle suspiro que no intimo da consciencia se molha de lagrimas, avivando a paixão, que não se arranca do peito sem cortar a metade da existencia! A sensibilidade exaltada de Elmano, excessivo como era em tudo, concebemos pela reflexão quanto devia gemer e magoar-se vendo o ultimo sonho acabar no tumulo!

Se o amor nos ultimos tempos lhe inspirou a melancolia christã em vez do furor delirante dos zélos, e da apothese abrazada dos sentidos; se depois de se queimar ao fogo impuro dos desejos uma aspiração nobre, um affecto com azas ethereas e ardor sereno lhe tocou o coração com o dedo das graças innocentes; o principio religioso, a crença fervorosa das verdades e mysterios da lei revelada, (á parte as horas de desvario e de falsa e ostentada impiedade) guiou-lhe a mão na harpa catholica, tirando das suas cordas canticos dignos do assumpto da lyrica de tantos vates. Já o dissemos; a fé era n'elle profunda, chegava a ser supersticiosa; os erros e as devassidões da penna nasceram da sede dos applausos. A sua vida toda, e sobre tudo a sua agonia contricta, protestam contra o atheismo apparente e o escarneo fingido, que teve a fraqueza de representar, constringendo a consciencia para se fazer escravo de affrontosos elogios.

A religião nos seus versos sobe á altura, em que o espirito a deseja, e as harmonias com que a celebra vê-se que nascem da alma e não do artificio. Menos suave e reflexivo do que Lamartine, em cujos quadros corre a luz dourada da imaginação atheniense, voz mais exterior no culto, do que devota na essencia, catholica de certo no sentido e na aspiração, porém deixando escapar ás vezes pelo fundo do painel a vista mundana, e o fremito das paixões; e accusando debaixo da veste do catechumeno a lyra pagã do bardo helleno, Bocage adora, e em rasgos designaes, mas extraordinarios, eleva-se á eloquencia fugosa dos Tertullianos, á devoção extatica dos primeiros apologistas. Entre os labios e o coração não se percebe o calculo. Não canta a pureza da Virgem, não lança em traços epicos as grandes imagens dos prophetas; não treme, não chorá, não se converte sobre as cinzas do arrependimento, como um actor traduz as personagens na scena, limando sobre a physionomia ideal as arestas vivas do repentista dramatico; a inspiração de Elmano rebenta do

sentimento, que o devora; canta porque ama, porque adora, porque crê! Nada de amaneirado nem de hypocrita; nenhum modêlo, nenhuma especulação filha da cobiça ou do orgulho! Similhante ás vozes occultas de um côro de religiosas, está longe das vaidades, quando larga o plectro, e toma a cythara de David, entregando aos echos a melodia, que trasborda da sua alma inclinada ante o altar. Não combina um papel, diz o que sente, o que desde a infancia acreditou e temeu; porque os terrores da superstição acompanham a sua crença até ao fim. Os agouros; a idéa do castigo eminente, e da expiação immediata, a par da idéa lugubre das chammas eternas, fazem-no estremecer de pavor, até no meio das orgias, em que ousa rir de si, e do Deus que vê na consciencia com o raio erguido, e a face irada! Verdadeiro abysmo de contradicções, o remorso e a desesperação seguiam sempre a impetos momentaneos, em que se engolphava nos vicios; para cobrir a nudez e as manchas d'elles negava o poder e a magestade infinita; uma hora depois o coração prostrava-o de joelhos gelando-lhe o riso descrente na bôca, e bradando-lhe que existia a divindade e o mundo invisivel, mas offendidos e rigorosos!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

— Desgraçados, que respondereis ao Supremo Juiz? Cobris com tapeçarias a nudez das paredes, e não tendes fato para cobrir a nudez do pobre! Adornaes os cavallos com riquissimos xairéis; e não vos importa vosso irmão coberto de farrapos! Deixaes apodrecer ou furar o trigo nos vossos celleiros, e nem sequer olhaes para os que têm fome? Guardaes dinheiro de sobrecellente, e não ajudaes aquelles a quem a necessidade abate ou opprime! Talvez me digaes: «A quem faço eu damno, se guardo e reservo para mim o que é meu?» E eu pergunto-vos, que é que podeis chamar vosso? de quem o houvestes? Fazeis como o homem que no theatro quer ficar com todos os logares e estorvar os outros de entrarem, aproveitando elle só para seu uso o que é para uso de todos. Assim fazem os ricos, apoderando-se primeiro das cousas communs, e possuindo-as depois como suas proprias. Se cada um tomasse para si o necessario, e desse o resto aos indigentes, não haveria nem ricos, nem pobres.

S. BASILIO MAGNO.

— O passo mais arriscado da vida é o casamento; elle dá um anjo, ou um demonio; traz a paz, ou a guerra; conduz ou á habitação das graças, ou á das furias.

— A ambição eleva os homens; a ambição os precipita.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

Aquelles senhores cujas assignaturas terminam com o numero 26, queiram ter a bondade de as renovar com tempo, para não soffrerem interrupção na remessa. Os preços são os annunciados por differentes vezes; isto é, por anno, ou 52 numeros, 1\$300 réis; por seis mezes ou 26 numeros, 700 réis; avulsamente, 30 réis cada numero.